



PREFEITURA DE  
**CAMPOS**

SECRETARIA MUNICIPAL  
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA  
E TECNOLOGIA

 Mais  
Ciência

# DESENVOLVIMENTO E IMPLEMENTAÇÃO DE BANCOS DE SEMENTES CRIOULAS

**Orientadora: Simone Silva**

Bolsista: Isabelle Gonçalves Colombini

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
2022/2023



## SUMÁRIO

ALTERAÇÕES REALIZADAS NO PLANO DE TRABALHO SUBMETIDO .....	3
RESUMO .....	4
INTRODUÇÃO .....	5
REVISÃO DE LITERATURA .....	6
MATERIAIS E MÉTODOS .....	8
RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	20
REFERÊNCIAS .....	21

## **ALTERAÇÕES REALIZADAS NO PLANO DE TRABALHO SUBMETIDO**

Em decorrência do atraso no pagamento das bolsas do programa Mais Ciência elaborado pela Secretaria Municipal de Educação, Ciência e Tecnologia com a Prefeitura de Campos, e das férias institucionais que ocorreram entre os meses de dezembro de 2022 e abril de 2023, algumas mudanças foram necessárias.

O plano de trabalho submetido envolvia a realização de oficinas, a leitura e discussão do material bibliográfico junto do grupo de pesquisa e as entrevistas semanais junto dos moradores, mas em consequência dos fatores citados acima, não obtivemos condições para iniciar a realização das entrevistas no primeiro semestre, tal como previsto.

Nesse contexto, eu e minha orientadora nos atentamos à bibliografia, dando maior foco, nos primeiros 6 meses de bolsa, ao desenvolvimento do material a ser usado nas oficinas, à sua organização e execução.

## RESUMO

Este relatório busca, por meio de sua revisão de literatura e explanação dos materiais e métodos utilizados para a implantação do banco comunitário de sementes (BCSs) e estudo das comunidades rurais, apresentar os resultados finais da pesquisa que tem como objetivo o mapeamento das sementes e das famílias que as carregam buscando a compreensão de sua guarda e circulação. Para isso, o trabalho feito no período de vigência da bolsa se centrou na organização e realização de oficinas e entrevistas junto dos moradores do acampamento, e na discussão do material bibliográfico junto do grupo de pesquisa. Os BCSs armazenam sementes crioulas<sup>2</sup> ao longo dos anos disponibilizando-as para o plantio ao longo de diferentes safras. Sendo essenciais para a preservação da biodiversidade ao exercerem influência na diminuição de danos causados ao meio ambiente em decorrência do uso de sementes transgênicas, os bancos, junto das sementes crioulas, desempenham um papel essencial na formação de laços entre a comunidade e entre os moradores e a terra, sendo capazes de gerar vida e auxiliar na autonomia das famílias por meio da comercialização daquilo que estas produzem em sua terra e da fixação no território em que vivem, consolidar e desenvolver atividades agroecológicas entre elas e perpetuar a vida.

---

<sup>2</sup> As sementes crioulas, também conhecidas como sementes locais, ou da paixão, são aquelas que foram melhoradas e adaptadas pelos agricultores através de seus próprios métodos com a observação. Essas comunidades, então, selecionam, recuperam, conservam e protegem essas sementes. Elas costumam ter valor simbólico e afetivo, podem pertencer a uma família por gerações, circulam entre diferentes casas como presentes ou permuta, possuem história. As sementes crioulas também não costumam ser todas iguais, uma mesma variedade crioula, por exemplo, pode apresentar diferença entre sementes.

## INTRODUÇÃO

Sendo contemplado com uma bolsa de Iniciação Científica fornecida pelo programa Mais Ciência da prefeitura da cidade de Campos dos Goytacazes, este relatório visa produzir um primeiro exercício analítico dos dados produzidos no trabalho de campo, a partir do detalhamento do trabalho realizado sob a orientação da doutora em antropologia e professora no departamento de Ciências Sociais da UFF Campos, Simone Silva no Núcleo de Estudos Rurais (NuERs) da mesma universidade. O trabalho foi realizado entre os meses de agosto de 2022 e julho de 2023 no acampamento Cícero Guedes, localizado na antiga Usina Cambahyba de cana de açúcar, também na cidade de Campos.

Buscamos compreender e produzir material etnográfico junto de populações rurais e os bancos comunitários de sementes se mostram, nesse contexto, como uma ferramenta para a criação e manutenção das relações existentes entre os moradores da comunidade ao atuarem por meio da confiança e da colaboração entre os associados ao banco colaborando para que haja soberania alimentar e autonomia entre as famílias.

Para isso tenho feito, junto do grupo, a aplicação de oficinas e o levantamento de dados por meio do trabalho etnográfico realizado através das entrevistas realizadas individualmente com cada acampante.

As oficinas fazem parte do processo de implementação do banco na medida em que auxiliam na capacitação dos agricultores para que o cultivo das sementes crioulas seja feito da forma correta, pois como mostra Garofolo em sua pesquisa entre alguns bancos de sementes no estado do Rio de Janeiro, para que o banco de sementes seja criado é preciso, primeiramente, que os agricultores e agricultoras envolvidos entendam a sua importância e tenham acesso a informação relacionada ao seu modo de funcionamento (GAROFOLO, 2017). Nesse processo deve-se estabelecer então uma comunicação efetiva com o grupo interessado na guarda e no cultivo das sementes crioulas. Nas oficinas busquei, junto das demais bolsistas, trabalhar a partir da cartilha criada pelo grupo no ano de 2021 com o objetivo de auxiliar e dar suporte no desenvolvimento do banco, e nas entrevistas entender as necessidades e os seus

desejos para o banco e traçar um mapeamento das famílias e das sementes crioulas guardadas por elas visando a compreensão da guarda e da circulação dessas sementes.

O BCSs atua também na preservação dos recursos naturais e na garantia da segurança e soberania alimentar das famílias, se distanciando do modelo produtivo em que o agronegócio está alocado ao possibilitar a formulação de novos saberes entre os agricultores (BENVEGNÚ, 2017). Essa relação se estabelece por meio da preservação das sementes crioulas e do manejo da terra sem o uso de agrotóxicos e pesticidas que poluem e afetam a saúde do solo e dos seres vivos que nele habitam, entendendo assim que a soberania alimentar deve ser alcançada por meio de “práticas” saudáveis e sustentáveis que não comprometerão as gerações futuras (BARBOSA, 2014).

## REVISÃO DE LITERATURA

Produzindo uma alternativa ao modelo mercadológico tradicional de plantio, colheita e comercialização de sementes, os bancos comunitários de sementes auxiliam famílias agricultoras na independência, na soberania alimentar e na construção de laços com a comunidade através da multiplicação e da guarda das sementes crioulas.

Os bancos são criados a partir da organização e escolha de um espaço físico que possa abrigar e conservar as sementes crioulas guardadas por cada família e/ou cada residente da comunidade (BENVEGNÚ, 2017). Nesse espaço, as sementes são fruto da doação por parte das famílias, separando-as daquelas compradas nos centros comerciais e dando assim a oportunidade para que as sementes guardadas sejam compartilhadas entre os agricultores e agricultoras associados ao banco.

As sementes crioulas sempre estiveram com os camponeses, sendo selecionadas pelas famílias após as colheitas (BARBOSA, 2014, p.30). Assim, ao darem início ao novo plantio, as sementes guardadas durante a colheita dão continuidade ao que já havia sido plantado.

Para Barbosa, as sementes são o ponto de partida da agricultura camponesa, elas dão vazão a multiplicação das espécies ao serem a promessa da colheita seguinte, demonstrando que o fenômeno da continuidade da vida e relação primordial entre o

camponês e a terra estão diretamente ligados ao cultivo e a guarda das sementes crioulas (BARBOSA, 2014, p.31).

Pensar o banco de sementes e as sementes crioulas a partir da perspectiva de colaboração e relação entre a terra e aquele que a maneja, construção de conhecimento e reprodução de saberes se torna importante na medida em que corre no sentido oposto à lógica capitalista de exploração e consumo dos recursos naturais. Nesse sentido, compreende-se que o banco de sementes, dá foco às relações mais que humanas ao entender que as sementes, enquanto seres vivos, exercem influência nas formas de socialização e associação dos seres humanos, chamando atenção para o que Anna Tsing chama de “sociabilidade mais que humana” ao reconhecer que os demais seres vivos são completamente sociais (TSING, 2019).

A relação entre os agricultores e as sementes são pensadas a partir de sua guarda e multiplicação também por meio da relação estabelecida entre a comunidade e a natureza, pois esta contribui para permanência os sentidos de pertencimento ao local (PEIXOTO, 2020, p. 44). Ao se construir um banco no acampamento Cícero Guedes, também se estabelece e constrói a relação entre os acampados e a terra, dando motivos para que estes permaneçam junto da comunidade e de suas respectivas plantações.

“Na conformação das paisagens foram se espalhando pelos campos as moradas dos que ali chegaram em busca de um lugar que lhes acolhesse. Em torno dessas casas foram convergindo uma série de plantas, vegetação diversa desde altas árvores frutíferas as rasteiras plantas medicinais, construindo os quintais ou terreiros, como também são chamados. [...] Garcindo, morador de um dos bairros de Mangueiras, conta que em dado momento as terras em que ele e a família moram foram compradas por um senhor, que passou a exigir retirada de sua família do local. [...] Era proibido também a plantação de árvores altas nos arredores das casas, justamente porque contribuíam à permanência e aos sentidos de pertencimento ao local.” (PEIXOTO, 2020. p. 44)

A comunidade, assim, se firma na terra ao construir uma relação de trocas; o plantio, como ressalta Peixoto, contribui para a permanência destas famílias no território. O banco de sementes então auxiliaria na estruturação da relação entre os

acampados e a terra em que vivem.

As sementes auxiliam o processo ao promoverem o contato dos acampados com a herança familiar presente na guarda das sementes passadas de geração em geração, e também na sua multiplicação no plantio e no compartilhamento destas com os demais associados ao BCCs. Estar em contato com a terra entendendo que esta deve ser manejada com respeito e responsabilidade é uma prática que vai contra a hegemonia capitalista, logo, ao se pensar as sementes a partir dos bancos pensa-se também no vínculo entre a terra e os seres multiespécie nela, e os seres humanos.

Nesse contexto também é possível pensar a partir do que é trazido por Coccia acerca das plantas, pois o autor repensa certezas ocidentais a respeito da inferioridade destas quando colocadas frente ao próprio ser humano. Para ele, as plantas são os olhos que se colocaram e se abriram para o mundo (COCCIA, 2018, p. 21); elas mudam de posição então ao serem referidas como criadoras e responsáveis por diversos tipos de existência achados no planeta terra. Estas são entendidas como seres vivos primários de nosso planeta sendo primordiais para a sobrevivência e manutenção da vida ao tornarem-se “vida enquanto exposição integral, em continuidade absoluta e em comunhão global com o meio ambiente.” (COCCIA, 2018, p.8).

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

Para a criação e implementação do banco a equipe do NuERs tem trabalhado através da realização de oficinas mensais feitas no próprio acampamento, das leituras e discussões em grupo e também por meio do trabalho etnográfico realizado individualmente por cada bolsista com os moradores. As oficinas tem sido feitas com base na cartilha produzida pelas bolsistas.

A cartilha se divide em oito capítulos, e seis subcapítulos sendo estes cinco subcapítulos no capítulo dois, e mais um subcapítulo no capítulo quatro. O primeiro capítulo contém a apresentação do significado das sementes crioulas e as principais

diferenças entre elas e as sementes transgênicas.

Já no segundo capítulo o foco é dado ao banco de sementes crioulas, explicando que neste a guarda e a multiplicação são feitas a partir da herança tendo as sementes crioulas como essenciais em sua construção. Os subcapítulos dividem-se para explicar o que são os bancos de sementes, qual é o seu objetivo, como seria a participação e circulação das sementes e o roçado comunitário. O último subcapítulo contido no capítulo dois dá ainda alguns exemplos de experiências com o funcionamento do banco em outras regiões do país.

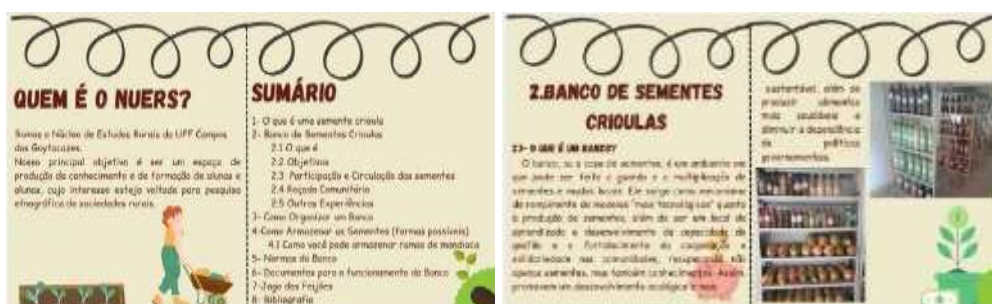
No capítulo três foram colocados os passos necessários para a construção do banco, e no capítulo quatro, que também possui um subcapítulo, são mostradas possíveis formas de armazenamento de sementes. Em seu subcapítulo podem ser achadas sugestões para o armazenamento das ramas de mandioca.

Já no capítulo cinco são colocadas as normas necessárias para que o banco funcione de maneira satisfatória, e no capítulo seis os documentos necessários para auxiliar a gestão do cotidiano do banco.

No capítulo sete buscou-se ensinar as regras do jogo dos feijões, cujo objetivo é fazer com que cada jogador obtenha a maior quantidade possível de grãos de feijão durante a rodada. A primeira regra é que todos os jogadores devem retirar os grãos de feijão do prato ao mesmo tempo utilizando somente uma das mãos a partir do sinal do facilitador. Em seguida o que ficou no prato é duplicado pelo facilitador após cada rodada até atingir o máximo de 25 grãos. O jogo termina quando o prato estiver vazio ou depois de 10 rodadas.

A cartilha termina, então, no capítulo oito, que contém as referências bibliográficas utilizadas.

Imagem 1 e 2: Sumário da cartilha e capítulo dois da cartilha



Fonte: arquivo do grupo.

Do início da bolsa até a sua fase de finalização, realizamos seis oficinas junto dos agricultores e agricultoras do acampamento, e oito entrevistas feitas individualmente por cada bolsista. Nas oficinas eu e as demais bolsistas pensamos, junto de nossa orientadora, em dinâmicas que favorecessem o aprendizado do grupo como por exemplo, jogos e recursos audiovisuais como a exibição de vídeos e de slides.

Dividimos as oficinas basicamente em três partes, e na primeira delas temos utilizado vídeos previamente selecionados por nós bolsistas dentro da temática que iremos trabalhar; e a seleção deste exige um trabalho de curadoria, análise e discussão do conteúdo.

Em nossa penúltima oficina, realizada pouco antes da finalização da bolsa, buscamos fazer uma apresentação focada no banco de sementes e nos elementos necessários para o seu funcionamento. O vídeo selecionado mostra um banco de sementes de milho (semente muito cultivada entre os moradores do acampamento em que temos trabalhado) localizado na cidade de Pedro Canário, no norte do estado do Espírito Santo. Nele se fala sobre as formas de armazenamento utilizadas pelos agricultores e os benefícios que o banco de sementes crioulas gera para a comunidade local.

**Imagem 3:** Vídeo sobre o banco de sementes crioulas em Pedro Canário



Fonte: Banco de Sementes Crioulas em Pedro Canário. Incaper. Youtube, 19 de dezembro de 2019. Disponível em:

[Banco de Sementes de Milho Crioulo em Pedro Canário](#)

No segundo momento da oficina utilizamos a apresentação de slides como recurso didático e na oficina em questão buscamos selecionar, na cartilha, os elementos necessários para a construção de um banco de sementes. Falamos sobre a importância do levantamento das espécies de sementes existentes para a elaboração do banco, da escolha do local em que o banco irá ficar, da elaboração do regimento interno, das formas de conservação, da escolha do grupo de gestores, do tempo de devolução e entrega das sementes, de quem será beneficiado com o banco e também do roçado comunitário.

**Imagem 4 e 5:** Slides utilizados na quinta oficina realizada pelo projeto



Fonte: arquivo do grupo

Já no terceiro momento da oficina temos trabalhado com dinâmicas participativas, podendo interagir de forma lúdica com os moradores, auxiliar na compreensão de pontos importantes do processo de desenvolvimento e implementação do banco e criar laços para além da exposição do material didático frente aos agricultores e agricultoras.

Os jogos são: o jogo dos feijões, o jogo de cartas produzido por nós, um quebra cabeças que forma a frase “O que acontece aos camponeses e às sementes afeta a todos nós, já que estão na própria base do sustento da humanidade”, e um jogo da memória também produzido por nós. No jogo de cartas existem duas categorias: uma voltada para a agroecologia e a outra voltada para o agronegócio e o garimpo. Para darmos início ao jogo dividimos os jogadores em grupos que podem pegar uma carta por vez; ao pegarem uma carta podem ganhar de 5 a 15 pontos (na categoria da agroecologia), dependendo da carta, ou perder a vez, perder toda a pontuação acumulada ou perder um membro do grupo (em cartas da categoria agronegócio/garimpo). Vence o jogo quem acumular mais pontos durante a rodada.

No jogo da memória as cartas são separadas por duplas que possuem bordas da mesma cor. As duplas são compostas por uma carta com uma imagem e outra com um texto que explica a imagem. O jogador tem a missão de conseguir lembrar quais são as duplas.

Para jogarmos geralmente dividimos os participantes das oficinas em grupos de dois ou três, dependendo da dinâmica do jogo e da quantidade de participantes no local.

Nesse momento eles criam nomes engraçados referenciando as características físicas marcantes de algum membro, o que torna o momento engraçado e espontâneo.

Na última oficina, realizada no dia 19 de julho de 2023, a dinâmica foi uma simulação do banco de sementes feita utilizando cartolinas, canetas, garrafas pet e feijões. Separamos os participantes da oficina em duas equipes distintas e trabalhamos em cima das seguintes etapas:

- Etapa 1: indicar as espécies de sementes que o grupo possui para iniciar o banco;
- Etapa 2: Indicação do local onde o banco funcionará;
- Etapa 3: forma de armazenamento - e modo de coleta do material a ser usado para armazenar;
- Etapa 4: Formação do regimento:
  1. Quem será beneficiado;
  2. Qual a quantidade de sementes para cada agricultor;
  3. Como será a devolução das sementes? Quando?
  4. Quem ficará responsável pelo banco? Como será escolhido?
  5. Qual será a quantidade de sementes a ser restituída?
  6. Outros;

As equipes, divididas então entre banco prata e banco ouro, deveriam responder as questões postas logo acima com o objetivo de simular um banco de sementes fictício. Enquanto fazíamos as perguntas para os grupos, anotávamos suas respostas na cartolina, pois ao final da brincadeira um representante escolhido por cada banco deveria ir a frente fazer uma apresentação das normas de seu banco.

Através da brincadeira foi possível entender algumas das necessidades e desejos das pessoas participantes em relação ao banco de sementes real, bem como os pontos de convergência e divergência a que devemos nos atentar no momento da criação do banco.

**Imagem 6 e 7:** Fotos tiradas do banco prata e do banco ouro na última oficina



Fonte: arquivo do grupo

Partindo para a etapa das entrevistas, é importante ressaltar novamente que estas tiveram seu início no segundo semestre da bolsa. Nesse contexto, o trabalho segue em curso.

Para as entrevistas eu e as demais bolsistas organizamos, junto da orientadora, um questionário a ser feito com cada uma das pessoas participantes. Ele possui um total de trinta perguntas e foi feito pensando no mapeamento das sementes e das famílias agricultoras acampadas.

**Quadro 1:** perguntas feitas no questionário

1- Qual é o seu nome?	2- Você é natural de (cidade onde vive) ou se mudou em algum momento? Caso tenha mudado, qual a cidade de origem?
3- Qual sua idade?	4- Qual sua religião?
5- Como você se identifica racialmente?	6- Com quem você mora?
( ) preta ( ) parda ( ) branca ( ) indígena	
7- Você tem filhos? Caso tenha, quantos e qual a idade deles?	8- Quais sementes você tem guardado?

9- Quais dessas sementes são sementes crioulas? Caso tenha, de quem você recebeu sua semente crioula?	10- Onde você adquire suas sementes comerciais?
11- Como você conserva essas sementes?	12- Qual seria o melhor lugar para a construção do banco?
13- Quem será beneficiado com o banco?  ( ) Todo mundo poderá pegar sementes ( ) Só quem é sócio poderá pegar sementes	14- Qual a quantidade de sementes que cada agricultor poderá adquirir?
15- De quanto em quanto tempo essas sementes serão resgatadas?	16- Quando ocorrerá a devolução e qual será a quantidade a ser devolvida?
17- A gestão do banco será coletiva ou individual? Pedir sugestão.	18- Quais são os critérios para formação do grupo e quantas pessoas o formarão?
19- Quais o processo que formará a indicação do grupo?  ( ) Eleição ( ) Indicação	20- Qual a melhor forma de conservação de sementes para o banco?  ( ) Garrafa PET ( ) Tambores ( ) Outras opções indicadas pelo entrevistado
21- Você tem alguma plantação?	22- Qual é a sua plantação atualmente?
23- Você comercializa o que planta ou é para sustento próprio?	24- Você participaria de uma horta comunitária aqui no acampamento?
25- Você tem alguma sugestão para o processo de construção do banco comunitário de sementes?	26- Quais são os problemas que você identifica em relação à plantação (próprio e coletivo)?
27- Quais os problemas que vocês têm em relação ao acesso à água?	28- Qual a água que vocês utilizam para plantar?

29- Há alguma atividade realizada coletivamente, se sim, qual a frequência?

30- Você prefere que o empréstimo seja por residência ou por pessoa?

Para a realização das entrevistas temos agendado um carro saindo da UFF nas terças feiras pela manhã, pois assim conseguimos ter tempo de conhecer os entrevistados, sua terra e suas respectivas plantações. Nossa abordagem envolve o interesse pelo que eles tem a dizer e não somente a interpelação para as entrevistas. Acreditamos que o campo não envolve somente a aplicação direta e metódica de perguntas, mas também o interesse nas vivências e nas particularidades e demandas daqueles com quem fazemos a pesquisa.

**Imagem 8 e 9:** fotos tiradas no dia 14 de junho no espaço de uma das agricultoras entrevistadas



Fonte: arquivo pessoal

Em nossa primeira ida a campo não conseguimos aplicar o questionário e fazer a entrevista, mas passamos parte da manhã e da tarde conhecendo os moradores e os seus espaços dentro do acampamento. Entendemos que cada um chega até o acampamento com uma história e desejos particulares, podendo assim fazer uma análise daquilo que presenciamos e ouvimos estando em contato com os protagonistas de nossa pesquisa a partir do exercício da escuta.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No decorrer das entrevistas, observa-se que os moradores tem entrado em consenso ou não em relação ao regimento das normas do banco e também em relação às dificuldades que estes enfrentam em suas plantações. Um ponto importante e destacado por todos os entrevistados é a falta de água e de energia no acampamento que os leva a evitar o plantio de espécies que exigem maior volume e frequência na irrigação. A maior parte deles tem focado então no plantio do milho, da abóbora e do quiabo, pois estes vegetais conseguem sobreviver com a água proveniente da chuva se plantadas levando em conta a distribuição desta durante a época de plantio e de crescimento das espécies.

A falta de água não possibilita o plantio em maior escala e a venda certa daquilo que foi cultivado durante meses, e deixar o pedaço de terra conquistado também não é uma opção, logo, uma das principais queixas dos moradores em relação à terra e ao cultivo de suas sementes também é o da falta de perspectiva em relação a comercialização.

“A gente não comercializa porquê não tem. Não adianta você sair daqui com dez pé de alface, cinco pé de alface. Vai adiantar o que? É melhor a gente dar lá na cozinha, eles come lá na cozinha e faz almoço pra alguns aí, né? Aí dá pra eles” (Acampado, 66 anos)

Por não terem como dar vazão a uma plantação de maior escala, muitos dos entrevistados relataram não comercializar as espécies que plantam por não ter o suficiente para o consumo feito coletivamente entre os moradores do acampamento e a venda feita nas feiras. Os entrevistados relatam que mesmo tendo acesso a certa quantidade de água dentro do acampamento por meio de poço artesiano, não conseguiam utilizá-la de maneira satisfatória em decorrência da ferrugem e do lodo contidos na água. Além disso, todos tem de dividir a água entre o que vai ser consumido por cada pessoa na família, entre o que se direciona para a plantação e o que irá ser

utilizado para lavar as louças e no banho mesmo que esta não seja suficiente para atendê-los em todas as necessidades citadas.

**Imagem 10:** plantações dos entrevistados

Qual a sua plantação atualmente?

9 respostas

Abóbora, milho, aipim, banana

Afface, pimentão, chuchu, maracujá, banana, couve

Aipim, maracujá, ora-pró-nobis, boldo, castanha do pará, coco, bertalha, erva cidreira, capim limão, alfavaca, merthiolate, saíbo, urucum, bico de papagaio, ourama, comigo-ninguém-pode, amora

Ora-pró-nobis, pepininho, aipim, banana, maracujá

Milho, quiabo, abóbora, banana, aipim, pitanga da praia, manga, abacete

Banana

Maracujá, banana, milho, nozes, abóbora

Aipim, quiabo, quando

Fonte: arquivo pessoal de entrevistas

Utilizando um formulário para transformar as respostas dadas na entrevista em gráficos e em respostas ordenadas, coloquei as plantações de cada um dos nove entrevistados separadas na imagem acima. Como citado anteriormente, os entrevistados que plantam no acampamento plantam, em sua maioria, milho, abóbora e quiabo. A banana e o aipim também acabam sendo recorrentes nas plantações em função da praticidade em relação à água que é de difícil acesso.

**Gráfico 2 e 3:** porcentagem de entrevistados naturais de Campos e a identificação racial de cada um



**Fonte:** arquivo pessoal de entrevistas

Nos gráficos acima, como mostram os números, todos os nove entrevistados são naturais do município de Campos dos Goytacazes. Alguns dos entrevistados não vivem dentro do acampamento integralmente, pois trabalham tanto na cidade de Campos quanto nos distritos vizinhos em que vivem como Morro do Coco e Santa Maria e no município vizinho São João da Barra.

56,6% dos entrevistados se identificam enquanto pardo relatando terem parte da família branca e parte “morena”.

Em relação ao progresso tido a partir das oficinas, nota-se que os moradores entram em consenso quanto ao local em que o banco deve ficar e em como será feita a gestão do banco. Geralmente eles apontam que a “escola” localizada no centro do acampamento, perto da entrada, é ideal para a criação do banco, e para a gestão estes tem demonstrado interesse naquela que é feita coletivamente, tendo de dois a quatro gestores.

Através das oficinas também houveram avanços no conhecimento a respeito das sementes crioulas, do banco de sementes e dos problemas acarretados pelo uso de agrotóxicos por parte dos agricultores entrevistados durante os últimos meses da bolsa. Grande parte dos agricultores entrevistados soube identificar quais sementes crioulas tinham, contando de onde essas vieram e como eles fazem seu armazenamento e cultivo. Eles relatam as técnicas usadas para que o uso de agrotóxicos não seja necessário, dando alternativas como o uso da mamona e da aroeira na prevenção de formigas e outros insetos que atingem a plantação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizo o relatório retomando os objetivos traçados em minha introdução como parte do trabalho realizado no meu primeiro ano como bolsista do programa Mais Ciência. Esse período foi essencial para meu crescimento acadêmico e desenvolvimento da pesquisa iniciada no acampamento Cícero Guedes, localizado em uma das maiores e mais tradicionais usinas de cana de açúcar do município, e por meio do relatório pude condensar e traçar uma linha que une as leituras feitas durante o ano e as atividades realizadas junto de minha orientadora e das demais bolsistas do projeto.

As oficinas, entrevistas e leituras/discussões, como mostro nos tópicos acima, foram importantes para que eu pudesse observar na prática a teoria mostrada no tópico "materiais e métodos". Assim, posso dizer que as questões pendentes a respeito do banco de sementes tem sido respondidas por meio das entrevistas e do contato direto com os acampados, sendo importante ressaltar que o projeto continuará em andamento mesmo com o fim da bolsa.

Relembro também que desde o início de minha bolsa até a sua fase de finalização tive oportunidade de participar de eventos como a IX Semana de Ciência e Tecnologia de Campos dos Goytacazes em 19 de outubro de 2022 no Jardim São Benedito apresentando o projeto, o CONFICT no dia 27 de junho de 2023 apresentando o banco de sementes, a participação na atividade de abertura da 10ª edição da JURA<sup>3</sup> no Rio de Janeiro no dia 25 de abril de 2023 com o tema "Reforma Agrária Popular: em defesa da natureza e alimentos saudáveis" e participação de Juliana Casemiro, do Fórum Brasileiro de Soberania Alimentar e Nutricional (FBSSAN), Fran Paula, da articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e a Associação Brasileira de Agroecologia, e Eró Silva, da direção do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST/RJ), e também a visita ao assentamento Dandara dos Palmares no dia 4 de junho de 2023 ainda na programação da JURA.

---

<sup>3</sup> Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Mônica de Moura. **Casas de sementes comunitárias: estratégia de resistência e manutenção da vida camponesa**. 2014. 97 f.: Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Fortaleza-Ce, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/16077>

BENVEGNÚ, Vinícius Cosmos. **As sementes do lugar: políticas locais e desenvolvimento rural no Rio Grande do Sul meridional**. Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural. 150f. Porto Alegre. 2017.

COCCIA, E. **A vida das plantas: uma metafísica da mistura**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

GAROFOLLO, Ana C. S. **Programa Banco Comunitário de Sementes de Adubos Verdes: possibilidade de geração de capital social no estado do Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado em Engenharia Agrícola) - Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2017.

PEIXOTO, Lanna. **“Toda planta tem alguém com ela” – sobre mulheres, plantas e imagens nos quintais de Mangueiras**”. Belém, 2020. Tese de doutorado (UFPA).

Disponível

em:

[https://sigaa.ufpa.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt\\_BR&id=1864](https://sigaa.ufpa.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt_BR&id=1864)

TSING. Anna. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno**. Thiago Mota Cardoso, Rafael Victorino Devos. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.